

## **ST 7 – ÁFRICA(S): NOVAS PERSPECTIVAS**

## Dissidência sexual africana e a ressignificação do termo *Queer*

African sexual dissident and the redefinition of the term Queer

Paula Thaise Rodrigues<sup>1</sup>

Ainda pouco discutida no Brasil, a dissidência sexual no continente africano é um tema gerador de muitas polêmicas e inquietações. Isso se dá devido a inúmeras narrativas construídas em torno da sexualidade de pessoas africanas. A mais polêmica dentre estas discussões é a afirmação de que a homossexualidade é algo exógeno às tradições africanas, um hábito branco resultante do colonialismo e do contato com os europeus. O primeiro a sustentar essa teoria foi o historiador inglês Edward Gibbon em 1781, ao afirmar que: “[...] os negros, no seu país, não estão expostos a essa pestilência moral.” (GIBBON, 1781, p. 506). Esta teoria foi legitimada por missionários, militares e intelectuais influenciados pelo funcionalismo-estrutural, que descreviam os africanos como “primitivos” e “tradicionais” demais. Atualmente esses discursos vêm sendo sustentados por grupos religiosos intelectuais nacionalistas e conservadores políticos, através de textos, códigos de leis ultrapassados e teorias afrocentristas<sup>2</sup>. Outra narrativa polêmica que envolve a dissidência sexual na África, refere-se à teoria de um continente radicalmente homofóbico justificado por meio de um discurso colonial baseado em tradições

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: paulathrodrigues@gmail.com.

<sup>2</sup> Ver o artigo “L’Afrocentricité” do filósofo estadunidense Molefi Kete Asante.

culturais ultrapassadas, machistas e sexistas que ganhou força no ocidente, principalmente através de ONGs internacionais que atuam no continente africano impondo suas normas sexuais e de gênero baseadas em teorias do norte global (REA, 2018; EKINE, 2016).

Diante destas narrativas e do apagamento da história das dissidências sexuais no continente africano surge um forte movimento da comunidade dissidente de diversos países da África a fim de recuperar suas histórias e construir suas próprias narrativas de África por e para africanos, já que as teorias ocidentais não cabem nas subjetividades destes sujeitos. Como é o caso da teoria *queer*, que embora abrace aqueles que não se enquadram nos padrões heteronormativos, deixou de lado sujeitos não ocidentais e suas narrativas. E é nessa perspectiva que estes movimentos buscam fazer uma reanálise de evidências históricas, das múltiplas maneiras de vivenciar a sexualidade e suas práticas em diversas regiões, períodos e suas complexidades, refutando narrativas como a exogenia das relações homoafetivas no continente e afirmando sua incompatibilidade com teorias externas.

A teoria *queer* ocidental constituiu-se como uma teoria universal, criadora e detentora da história daqueles que não se encaixam na sexualidade dita como “normal” e apesar disso concentrou-se quase que exclusivamente na sexualidade, negligenciando questões culturais, étnicas, religiosas, de cor e de classe, revelando assim a cor branca como central às discussões sobre a homossexualidade (REA, 2017, p. 2). Sendo assim, aqueles sujeitos que não se enquadram nos padrões

homonormativos<sup>3</sup>, impostos pela teoria *queer* ocidental, são sujeitos marginalizados e têm suas identidades deixadas de lado e questionadas já que suas experiências estão fora do “padrão homossexual”. Não estar dentro desse padrão, significa ter sua história apagada e suas contribuições teóricas ignoradas, sendo taxados ainda como “primitivos” e “estáticos culturalmente”: “[...] é como se a teoria *queer* ocidental tentasse apagar ao mesmo tempo a africanidade e a homossexualidade africano-centrada.” (CLARKE, 2019, p. 49).

A imposição da teoria *queer* ocidental é o que Rea, chama de “violência epistêmica”. Retomando o pensamento de Spivak (2012), esta violência é baseada na incompatibilidade entre as lógicas e modo de vida (sexual) ocidentais e dos não ocidentais. Esta imposição opera de forma a evidenciar as complexidades culturais que abrangem inúmeras formas de vivenciar suas sexualidades. Apesar de serem recentes, os estudos *queers* no continente africano surgem baseados na falta de intersecções entre raça, classe e identidades que contemplem as múltiplas culturas presentes no continente africano. A partir desta perspectiva os dissidentes sexuais africanos dão um novo sentido ao termo *queer*, criando teorias próprias a fim de *descolonizar* o termo *queer* e alinhá-lo a outras lutas. Pensando nesta descolonização do termo *queer*, Clarke (2019) propõe que cabe aos africanos e afro-

---

<sup>3</sup> O termo homonormatividade representa a forma de uma homossexualidade – colonial e colonizadora - cuja conformidade social, recentemente adquirida, é apenas outra face da exclusão racial dos outros orientalizados e racializados.

diaspóricos criar e reivindicar suas próprias teorias, baseadas na sua história, sua cultura e identidade.

Estas correntes atuam de forma a desconstruir tanto a ideia de um continente "obsessivamente" homofóbico, como é apontado por alguns discursos ocidentais e pelas políticas homonacionalistas<sup>4</sup>, quanto para corroborar com evidências que encerrem de vez a ideia da inexistência ou inautenticidade da homossexualidade africana. Uma das contribuições dos ativistas e teóricos africanos para questionar as normas homogeneizantes de ser *queer* é a Declaração LGBTI<sup>5</sup> Africana, assinada coletivamente por trinta e três ativistas africanos e afro-diaspóricos, em 18 de abril de 2010, em Nairobi, no Quênia<sup>6</sup>. Através da leitura desta declaração, podemos evidenciar que suas reivindicações aparecem como uma oposição ao pensamento hegemônico e como uma significativa ferramenta de inclusão social, cultural e identitária dos sujeitos não heteronormativos, não se restringindo apenas à sexualidade, mas às intersecções com outros marcadores, como podemos ver neste trecho:

Precisamos de justiça social; precisamos reivindicar e redistribuir poder, precisamos erradicar a violência, precisamos defender a redistribuição de

---

<sup>4</sup> O termo homonacionalismo descreve a associação favorável entre um tipo de ideologia nacionalista e as pessoas LGBT ou seus direitos. A estigmatização de um povo ou comunidade como LGBTfóbicos em busca de uma justificativa que legitime ataques ou crimes de guerra é um exemplo de homonacionalismo.

<sup>5</sup> O termo LGBTI (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersex) é um anacronismo usado na maioria dos textos utilizados nesse trabalho.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://medium.com/@amobxp/voc%C3%AA-conhece-a-declara%C3%A7%C3%A3o-lgbti-africana-52db2787a1a9>>.

terras; precisamos de igualdade de gênero; precisamos de justiça ambiental; precisamos de justiça erótica, precisamos de justiça étnico-racial, [...], precisamos de total emancipação. (VÁRIOS AUTORES, 2018, p. 89-90)

No Manifesto, que foi publicado em 2011 no *African Sexualities: a reader*, coletânea que busca examinar sexualidades dominantes e desviantes, além de investigar as interseções entre sexo, poder, masculinidades e feminilidades, podemos analisar algumas exigências dos dissidentes sexuais:

Resgatar e compartilhar nossas histórias (passado e presente), nossa realidade e contribuições para a sociedade e nossa esperança para o futuro.

Desafiar todos os sistemas legais e práticas que hoje criminalizam ou procuram reforçar a criminalização de pessoas, de organizações, da construção do conhecimento, da expressão da sexualidade e da construção de movimentos *LGBTI*.

Confrontar o apoio do Estado a normas discriminatórias, às estruturas políticas e legais e a sistemas culturais de opressão sexual e de gênero.

Estreitar laços de respeito, cooperação, apreço e solidariedade entre pessoas *LGBTI*, em nossas complexidades, diferenças e contextos diversos.

Contribuir para o reconhecimento político e social da sexualidade, do prazer e do erótico como partes de nossa comum humanidade. [...](VÁRIOS AUTORES, 2018, p. 89-90)

A partir das exigências dos *queers* africanos expressas no Manifesto, é visível a rejeição dos grupos locais aos discursos homogeneizantes e reducionistas que colocam as minorias sexuais em um lugar de inferioridade. Também se pode constatar uma intersecção entre o campo acadêmico e o campo ativista, essenciais para a compreensão das realidades de pessoas comuns às quais a teoria muitas vezes não alcança. A violência e a opressão a que os *queers* são submetidos são uma realidade que precisa ir além da teoria e do campo das ideias, pois, são

necessárias ações eficazes para combatê-las, e tais ações estão sendo realizadas por diversos grupos LGBTI.

A ressignificação do termo *queer* por intelectuais africanos surge como reivindicação de uma identidade política de autoafirmação e de dignidade dos dissidentes sexuais que recusam a teoria *queer* universal e usam de seu aporte cultural e teórico para reconstruir uma parte da história africana que vem sendo contada, discutida e julgada pela ótica euro-americana. Portanto, o termo *queer* aqui é:

[...] mais do que uma identidade de gênero ou um comportamento sexual. Usamos *queer* para sublinhar uma perspectiva que abraça a pluralidade sexual e de gênero e visa a transformar, revisar e revolucionar a ordem africana mais do que procurar assimilá-la no contexto hétero-patriarcal capitalista opressivo. *Queer* é a nossa postura dissidente, mas o usamos aqui com conhecimento das limitações desta terminologia em relação às nossas realidades africanas neocoloniais (ELKINE; ABBAS, 2012, p. 3-4).

A partir disso podemos entender que o termo *queer* é conceituado, no contexto africano, na perspectiva de abraçar a pluralidade sexual, de gênero e a afirmação e reivindicação de uma identidade que confronta as estruturas opressoras e violentas que marginalizam estes sujeitos.

A teoria *queer* africana surge da necessidade de questionar os marcadores de raça, gênero, sexualidade e nacionalismo, desafiando os parâmetros restritos das políticas identitárias ocidentais, além de influências que minimizam as experiências individuais e coletivas daqueles sujeitos que não se encaixam nos padrões morais impostos pela parcela conservadora da sociedade africana. A reconceitualização do

termo *queer* nos contextos africanos é criada para combater as formas de violências aos quais estão submetidos os *queers* africanos, sejam elas epistêmicas ou físicas, internas ou externas.

## Referências

ASANTE, Molefi Kete. *L'afrocentricité*. França: menaibuc, 2003.

BLESSOL, Gathoni. Luta LGBTI *Queer* como outras lutas em África. In: REA, Caterina; PARADIS, Clarisse Goulart; AMANCIO, Izzie Madalena Santos (Orgs.). *Traduzindo a África queer*. Salvador: Devires, 2018. p. 101- 110.

BUSSOTTI, Luca; TEMBE, António. A homossexualidade na concepção afrocentrista de Molefi Kete Asante: Entre libertação e opressão. *CEI-RI - Artigos em revista científica internacional com arbitragem científica*, João Pessoa, n. 1, p. 15-24. 2014.

CLARKE, Douglas. Twice removed: African Invisibility in Western Queer Theory. In: KINE, Sokari; ABBAS; Hakima (orgs.). *Queer African Reader*. Dakar/Nairobi/Oxford: Pambuzuka Press, 2013.

DUARTE, Bruno F. Você conhece a Declaração LGBTI Africana. AMOBXP. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@amobxp/voc%C3%AA-conhece-a-declara%C3%A7%C3%A3o-lgbti-africana-52db2787a1a9> . Acesso em: 01/11/2021.

GIBBON, Edward. *History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. London: Methuen & Co, 1925 [1781].

EKINE, Sokari. Narrativas contestadoras da África Queer. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 2, n. 2. p. 10 – 14, 2016.

EVANS-PRITCHARD, E. Inversão sexual entre os Azande. Tradução de Felipe Fernandes, Verificação de Dennis Werner. *Revista Bagoas*, Lagoa Nova, n. 7, p. 15-30. 2012.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. A Homossexualidade no Continente Africano: História, Colonização e Debates Contemporâneos. *Cadernos de África Contemporânea*, São Francisco do Conde, v. 1, n. 2, p. 52-72, 2018.

V Encontro Discente de História da UFRGS, Porto Alegre, v. 13, n. 29, janeiro 2022

MACHARIA, Keguro. *Homophobia in Africa is not a single story*. The Guardian, 26 de May de 2010. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2010/may/26/homophobia-africa-not-single-story> . Acesso em: 01/11/2021.

MUTHIEN, Bernedette. Queerizando as fronteiras: uma perspectiva africana ativista. In: REA, Caterina; PARADIS, Clarisse Goulart; AMANCIO, Izzie Madalena Santos (Orgs.). *Traduzindo a África queer*. Salvador: Devires, 2018. p. 91-100.

REA, Caterina. Crítica Queer of Colour e deslocamentos para o sul global. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women 's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos). 2017.

REA, Caterina Alessandra. Descolonização, feminismos e condição queer em contextos africanos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 3, p.1-21 2018.

REA, Caterina Alessandra. Sexualidades dissidentes e teoria queer pós-colonial: o caso africano. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 145-165. 2017.z

TAYLOR, Magnus. African Arguments. *De Mwangi a Museveni*. Sexo, Política e Religião em Uganda - Por Magnus Taylor. 2014. Disponível em: <https://africanarguments.org/2014/03/from-mwanga-to-museveni-sex-politics-and-religion-in-uganda-by-magnus-taylor/> Acesso em: 23 de abril de 2021.

Vários Autores. MANIFESTO LGBTI AFRICANO/ DECLARAÇÃO. Traduzindo a África queer. Salvador: Devires, p. 89-90, 2018.

## **Passado violentado, presente e futuro impactados: possíveis consequências da Guerra Nigéria-Biafra nas crianças**

Violent past, present and future impacted: possible consequences of the Nigeria-  
Biafra War on children

Rafael Barbosa de Jesus Santana<sup>1</sup>

Conforme Achebe (2012), a Guerra de Biafra (1967-1970) foi um divisor de águas para a história da Nigéria, em especial para a etnia igbo, uma das três maiores daquele país. Muito foi e continua sendo escrito no âmbito acadêmico sobre esse evento, tanto no Brasil como no exterior. Contudo, no Brasil, principalmente na História, os estudos ainda não dão a devida atenção a algumas parcelas populacionais que contribuíram e foram afetadas pela guerra, diga-se, os idosos e as crianças. Trata-se de uma invisibilidade do elemento etário, como se as experiências de um evento limítrofe não tivessem efeitos variados dependendo da faixa etária do indivíduo. Se a guerra foi um divisor de águas na história de uma nação, com certeza ela foi imperiosa na vida de muitas crianças, afetando drasticamente suas possibilidades de futuro.

---

<sup>1</sup>Graduado em História pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade de Educação São Luis (FESL); Especializando em Relações Internacionais Contemporâneas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: rafael.santana.001@hotmail.com

Como aponta Achebe (2012, p. 86), já na primeira metade do conflito civil Nigéria-Biafra, “oitenta e nove por cento das pessoas afetadas [*pela fome*] eram crianças menores de cinco anos. Os 11% restantes tinham de cinco a quinze anos”. Em consonância com estes dados, o final da guerra só poderia ser “especialmente difícil para as crianças” (ACHEBE, 2012, p. 99), afinal, dos três milhões de mortos (20% da população de Biafra), a maior proporção foi de crianças. Os infantes foram os mais atingidos da guerra, mas não foram estes que a iniciou.

Forsyth (2015), um dos primeiros a escrever sobre o conflito armado nigeriano do final da década de 1960, postula que desde o século XIX, quando o processo de colonização da Nigéria começou a ser executado pela Grã-Bretanha, o espaço que hoje chamamos de Nigéria era ocupado por centenas de etnias, como igbos, yorubás, hausas, kanuris e fulanis; com múltiplas formas de existência. Esta zona passou a ser administrada como protetorado (1900-1914), em seguida foi transformada em colônia (1914-1960) e, por fim, sua população conquistou o status de Estado independente (1960). Contudo, em 1967, quando a região sudeste separou-se do restante do país, a Nigéria já vinha com um histórico de rivalidades. Como exemplifica Achebe (2009, p. 18), sua infância foi marcada pela “situação colonial multiétnica, multilíngua, multirreligiosa e um tanto caótica”.

Dito isso, podemos considerar que a Guerra de Biafra foi resultado de, pelo menos, dois grupos de agentes: os próprios africanos que tentaram redesenhar o

espaço que por décadas fora esgoelado pelos europeus e os britânicos que criaram o ambiente propício para a inflamação de tais rivalidades étnicas. Todavia, as crianças não estavam no bojo dessas tensões sociais antes do fenômeno Biafra.

### **Conceitos condutores**

Quando se escreve sobre crianças é necessário defini-las, assim como identificar o conceito de infância adotado. Uma primeira questão que mostra-se ao pesquisador trata-se do exercício de não dissociar a ideia de “infância africana” da ideia “ocidental” de infância. Como argumenta Botchway (2019, p. 27), a dissociação é uma atividade fútil. O importante seria estarmos atentos(as) às especificidades da categoria infância em cada espaço, mas considerando os aspectos universais do ser criança e de sua infância.

Dito isso, baseado nas propostas de Ana Katia Alves dos Santos (2006), criança é a dinâmica do desenvolvimento psicológico individual; enquanto que a infância diz respeito à dinâmica social, histórica e cultural em que a criança se encontra. Desse modo, “segundo a Convenção dos Direitos da Criança, criança é qualquer pessoa menor de 18 anos” (AFFONSO, 2016, p. 12). Já criança-soldado pode ser “qualquer pessoa menor de 18 anos membro ou aliada às forças armadas governamentais ou irregulares ou a grupos políticos armados” (AFFONSO, 2016, p. 12). Este conceito abarca tanto crianças, quanto adolescentes, meninos e meninas. De acordo com Affonso (2016), para além de estar na linha de frente do combate, as

crianças soldados podem também exercer outras tarefas como: treinamentos, espionagem, funções de logística, de guarda e de cozinha.

Segundo Omobowale & Amodu (2019), crianças que estão em contextos de vulnerabilidade/falta de assistência dos pais têm perdas sociais irreparáveis. Nesse sentido, “o sustento dos pais determina amplamente o padrão de desenvolvimento infantil e a hierarquia em que seus filhos serão categorizados [*socialmente*]” (OMOBOWALE & AMODU, 2019, p. 03).

Zelege, Hughes e Drozda (2009, p. 43) afirmam que, em todo continente africano, “comunidades veem as crianças como uma representação de continuidade e sucesso geracional”. Muitos rituais locais são executados no intuito de “garantir a sobrevivência e prosperidade das crianças” (ZELEKE, HUGHES & DROZDA, 2019, p. 43). Em sociedades como a nigeriana, a saúde e bem-estar estão relacionados com a mente, corpo, espírito, alma e ao contexto social. Em suma, são estados que, para serem alcançados, necessitam o pleno funcionamento do indivíduo em sua integridade. Qualquer danificação à mente, ao corpo, ao espírito, à alma e à comunidade pode gerar crises nos indivíduos, pois “o desequilíbrio de um aspecto é refletido através do bloqueio de energia em todas as outras camadas” (ZELEKE, HUGHES & DROZDA, 2019, p. 47). Em última análise, é preciso vislumbrar que, para muitos grupos étnicos que compõem a Nigéria, “a força da criança depende da integridade e desenvoltura da terra de seu pai” (ACHEBE, 2016, p. 33).

Abebe e Ofosu-Kusi (2016) expõem que as crianças africanas têm alto grau de maturidade social, contudo, essa maturidade não pode ser utilizada discursivamente para afirmar que as crianças daquele continente estão acostumadas com ambientes bélicos. Dito isso, temos que ter em mente que, independente da localização geográfica, “o cuidado e a socialização das crianças são pré-requisitos para sobrevivência cultural” (CORSARO, 2011, p. 81).

### **Duas obras, duas interpretações, uma conclusão**

Lançado na sua primeira edição em 2005, *Beast of no Nation*, de Uzodinma Iweala, logo ganhou uma versão em português em 2006, intitulado *Feras de Lugar Nenhum*. O romance conta a história de Agu, personagem de doze (12) anos que narra a história a partir do contexto social que ele vive: a Guerra de Biafra.

Agu, uma criança que parece entrar na puberdade, foi capturado por outra criança um pouco mais nova que ele para servir às forças armadas que suponho ser as biafrenses. Nesse processo, o personagem viu seu pai ser morto e sua mãe e irmã tornarem-se refugiadas. Já no batalhão, o personagem até cria uma admiração pela operação bélica, “mas às vezes lembro da minha casa e da minha mãe, meu pai, minha irmã, e fico triste” (IWEALA, 2006, p. 13). De acordo com o pré-adolescente, “só as crianças pequenas não sabiam o que estava acontecendo” (IWEALA, 2006, p. 48), o que não quer dizer que não foram impactadas pela violência do contexto bélico.

O garoto que raptou Agu, Strika, também perdeu os pais na guerra, um passado recente compartilhado entre os personagens, os quais viram amigos. Strika, é um menino que expressa sua dor através do silêncio e desenhando

[...] várias vezes a mesma figura de um homem e de uma mulher sem cabeça porque as cabeças deles estão rolando pelo chão. Strika, chamo, ele olha para mim. Mas continua em silêncio. Ele não diz nada, falo para mim mesmo. Desde que me tornei soldado, nunca ouvi ele fazer nenhum som, mas agora sei qual é o problema. Seu desenho mostra que ele parou de falar desde que mataram seus pais (IWEALA, 2006, p. 28).

Neste contexto, Agu constata que “a arma é mais importante do que eu. Me lembro sempre disso” (IWEALA, 2006, p. 86). Muitas outras crianças e jovens criaram uma relação de dependência com armas de fogo, afinal, era esse o instrumento que os mantinham vivos, seu único bem. Cada vez que via cenas de tortura e assassinato, Agu ia progressivamente perdendo a compaixão pelo outro. Ao mesmo tempo em que esse fenômeno acontece, sinais de traumas são observáveis.

Aliado a todo esse cenário de violência, há também o surgimento do sentimento de culpa por matar pessoas. “Fico cantando uma música para mim mesmo porque ouço muitas vozes na minha cabeça dizendo que sou um menino mau” (IWEALA, 2006, p. 20). A partir disso é interessante percebermos uma característica recorrente nas obras literárias do continente africano sobre crianças-soldado. Tanto em *Feras de Lugar Nenhum* como em *Song for Night*, os personagens principais recorrem às canções como forma de amenizar as experiências extremas. Como Agu pontua, “o

canto me faz, de certa forma, relaxar” (IWEALA, 2006, p. 51); e, ao escutar alguém cantando, Agu fica “com vontade de ir até a pessoa [...] e tirar toda a música dela e pegar a música e guardar no meu bolso para quando as coisas estiverem muito ruins” (IWEALA, 2006, p. 84).

Agu pondera que, “Tudo o que a gente sabe é que antes da guerra a gente era criança e agora a gente não é mais” (IWEALA, 2006, p. 28). Toda essa vivência faz o personagem achar “que nunca mais ia sorrir” (IWEALA, 2006, p. 57-58). Tal condição constrói versões de si e dos outros recrutados como seres anormais que parecem feras. Sendo assim, Agu expressa a perda da sua infância: “Sei que não sou mais uma criança, e quando a guerra acabar não vou poder voltar a fazer coisas de criança” (IWEALA, 2006, p. 62). Isso o faz ter a sensação de que nunca mais será feliz, afinal “a guerra está em todos os lugares” (IWEALA, 2006, p. 70).

Em suma, o que o conflito armado impôs não foi apenas a luta no campo de batalha contra os “inimigos” nigerianos, mas também a luta contra os abusos mentais, corporais, materiais e dos direitos humanos. Esses abusos são responsáveis pela construção de crianças, adolescentes e futuros adultos rígidos consigo mesmos por períodos de tempo indeterminados. Destarte, mesmo após a guerra, Agu frequentemente se lembra das cenas de violência, precariedade e do cheiro “de gente morta por toda parte” (IWEALA, 2006, p. 91). Ao fazer terapia com uma psicóloga, o

personagem relata ouvir “balas e gritos [...] [e querer] morrer pra nunca mais ouvir isso de novo” (IWEALA, 2006, p. 92).

Em consonância com o romance de Iweala, *Song for Night* (2007), quinto romance de Chris Abani, conta a história de My Luck, um adolescente mudo no contexto da guerra civil nigeriana. Esta escolha artística do autor tem a função de explicitar a ausência de voz das crianças em muitas situações bélicas, afinal, o personagem “é incapaz de traduzir adequadamente em palavras as ocorrências traumáticas que sua imaginação é incapaz de compreender” (TUNCA, 2013, p. 135).

My Luck foi recrutado aos doze (12) anos de idade para servir como soldado durante a Guerra de Biafra, definido pelo próprio personagem como “três anos de uma guerra sem sentido” (ABANI, 2007, p. 16), que obrigava as pessoas a procurarem formas de sobreviver, não de viver; evento que causou o sentimento coletivo de desesperança.

É possível afirmar que em *Song for Night* ocorre um relato de uma infância igual às outras que estavam submetidas a experiências semelhantes, ao mesmo tempo que apresenta a singularidade da vivência de uma única criança. Ao passar por várias experiências traumáticas, assim como Agu, My Luck tenta recordar uma música ensinada pelo seu avô, a qual poderia amenizar seu sofrimento. O interessante da música como instrumento de lidar com o trauma é que ela manifesta a simples

liberdade de expressão, uma das poucas coisas que podem restar em contextos bélicos.

Como a historiografia sobre o assunto aponta, as crianças recrutadas passaram por inúmeras violências. My Luck também evidencia tais atos ao relatar que nos treinamentos “Sempre que vacilamos, aquele chicote serpentearia seu corpo” (ABANI, 2007, p. 24). Cada vez que alguém próximo morria, My Luck cortava uma cruz nos seus próprios braços:

No brilho fraco do cigarro, as cruces no meu braço parecem exatamente com o que são: meu cemitério pessoal. Eu toco cada cruz, uma para cada ente querido perdido nesta guerra [...] Cortei o primeiro quando meu avô morreu; o segundo eu cortei quando meu pai morreu [...] O terceiro cortei para minha mãe que morreu no início dos problemas que levaram a guerra. O resto cortei durante o conflito: amigos, camaradas de armas. [...] são vinte no total (ABANI, 2007, p. 28).

My Luck viu sua mãe sendo morta, mas não pôde fazer nada; foi obrigado a estuprar aos 13 anos de idade; viu muitas pessoas, incluindo crianças, ficarem deformadas fisicamente por causa da guerra. Como pensa My Luck, a guerra “não me tornou mais corajoso, apenas mais insensível” (ABANI, 2007, p. 92). Todas essas experiências faz com que o personagem não se sinta mais inocente, muito menos criança, já que a guerra o fez enxergar a infantilidade como um risco à vida.

Já no fim do romance descobrimos que My Luck está morto desde o início da narrativa. A história que acompanhamos foi de um espírito confuso que não percebe

a morte do corpo. Uma confusão que, segundo o personagem, foi desencadeada por causa da violência extrema da guerra. Assim, como Agu, My Luck nota que “nunca [foi] um menino. Isso foi roubado de mim e eu nunca serei um homem” (ABANI, 2007, p. 93). Todas as experiências narradas até aqui são definidas por My Luck como “cenas de traumas” (ABANI, 2007, p. 95), que deixaram “feridas que carrego em meu corpo e em minha alma” (ABANI, 2007, p. 97).

De modo a concluir este resumo, percebe-se que em ambas as obras analisadas há uma evidente relação entre passado, presente e futuro. Se o passado, período anterior à guerra, é definido por My Luck como “uma época em que eramos felizes” (ABANI, 2007, p. 58), o presente bélico é definido pelo silêncio de Strika, pela mudez de My Luck, pelo não-lugar de Agu. Este presente impõe processos mentais involuntários, como pesadelos; um período marcado pelo ver e pelo fazer... ver a morte e perpetrar a morte, ver estupros e ser o agente desse ato.

Como apontam os romances, a Guerra de Biafra foi um divisor de épocas que causou consequências para várias temporalidades e dimensões da vida, para as dinâmicas sociais e culturais locais da infância. Tanto *Feras de Lugar Nenhum* como *Song for Night* dialogam com as proposições de Omobowale & Amodu (2019) sobre a relação entre falta de assistência familiar (nuclear ou estendida) com perdas culturais, sociais, econômicas e emocionais; dialogam com Zeleke, Hughes & Drozda (2019) no

que diz respeito à relação entre prosperidade, saúde corporal, espiritual e social com o pleno funcionamento dos corpos.

Em última análise, o que está sendo colocado é que a Guerra de Biafra, assim como qualquer outro conflito bélico, causou um desequilíbrio energético social, com notável impacto nos infantes (e My Luck é o exemplo máximo desse desequilíbrio que vai além da vida). Mesmo que queiramos visualizar a agência desses seres, temos que considerá-la como limitada pelo contexto social repressivo e relacioná-la com as perdas que foram imputadas às crianças e adolescentes, como a eliminação da infância e adolescência, da esperança e da perspectiva de um futuro melhor na vida adulta.

### Fontes

ABANI, Chris. **Song for night**. New York: Editora Akashic Books, 2007.

IWEALA, Uzodinma. **Feras de lugar nenhum**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

### Referências

ABEBE, Tatek; OFOSU-KUSI, Yaw. Beyond pluralizing African childhoods: Introduction. In: *Childhood*, v. 23, n.3, p. 303-316, 2016.

ACHEBE, Chinua. *The education of British-Protected child: essays*. New York: Editora Alfred A. Knopf, 2009.

ACHEBE, Chinua. *There was a country: a personal history of Biafra*. New York: The Penguin Press, 2012.

ACHEBE, Nwando. Igbo goddesses and the priests and male priestesses who serve them. In: FALOLA, Toyin; NJOKU, Raphael Chijioke. *Igbo in the Atlantic world: African origins and diasporic destinations*. Bloomington: Indiana University Press, 2016.

AFFONSO, Luiza Bizzo. A reintegração de ex-crianças-soldado em Serra Leoa. In: *Revista Mural Internacional*, v. 7, n. 1, p. 11-28, Jan-Jun. 2016.

BOTCHWAY, De-Valera. "Introduction". In: BOTCHWAY, De-Valera; SARPONG, Awo; QUIST-ADADE, Charles. *New Perspectives on African Childhood: Constructions, Histories, Representations and Understandings*. Wilmington/USA: Vernon Press, 2019.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.

FORSYTH, Frederick. *The Biafra Story: the making of an African legend*. Barnsley: Editora Pen & Sword Military, 2015.

OMOBOWALE, Mofeyisara Oluwatoyin; AMODU, Olukemi K. Omo boti and Omo pako: Social Construction of Childhood, Livelihood and Health in Southwestern Nigeria. In: BOTCHWAY, De-Valera; SARPONG, Awo; QUIST-ADADE, Charles. *New Perspectives on African Childhood: Constructions, Histories, Representations and Understandings*. Wilmington/USA: Vernon Press, 2019.

SANTOS, Ana Katia Alves dos. *Infância afrodescendente: epistemologia crítica no ensino fundamental*. Salvador: Editora EDUFBA, 2006.

TUNCA, Daria. "We Die Only Once, and for Such a Long Time": Approaching Trauma through Translocation in Chris Abani's *Song for Night*. In: MUNKELT, Marga et al. *Postcolonial Translocations: Cultural Representation and Critical Spatial Thinking*. Amsterdam & New York: Editora Rodopi, 2013, p. 127-143.

ZELEKE, Waganesh A.; HUGHES, Tammy; DROZDA, Natalie. Childhood in Africa: Health and Wellness in Body, Mind, Soul, and Spirit. In: BOTCHWAY, De-Valera;

SARPONG, Awo; QUIST-ADADE, Charles. *New Perspectives on African Childhood: Constructions, Histories, Representations and Understandings*. Wilmington/USA: Vernon Press, 2019.